

Tabulæ

Revista de Philosophia

ISSN 1980-0231



9 771980 023648

Ano 4 - n° 8 - jan-jul de 2010

Tabulæ - Revista de Filosofia

Ano 4 - n° 8 - jan-jul de 2010
ISSN 1980-0231

Tabulæ

A **Tabulæ** - Revista de Philosophia é uma publicação semestral da Faculdade Vicentina (FAVI) que pretende ser um vínculo de disseminação do conhecimento no que diz respeito às pesquisas filosóficas e áreas afins.



Congregação da Missão Província do Sul

Congregação da Missão

Superior Geral
Pe. Gregory Gay

Superior Provincial
Pe. Fabiano Spisla

Vice-Superior Geral
Pe. Józef Katusciak

Vice-provincial
Pe. Odair Miguel Gonsalves dos Santos



Faculdade Vicentina

Reitor
Dr. Pe. André Marmilicz

Coordenador Pedagógico
Dr. Luiz Balsan

Editores da Revista
Prof. Ms. Eli Carlos Dal'Pupo e Fabio Gumieiro

Revisão Ortográfica
Prof. Renne Gisele Bugno Buratti

Copyright © 2010

Todos os direitos reservados à Faculdade Vicentina.
A reprodução total ou parcial desta obra, por qualquer meio ou processo, sem a autorização prévia da editora, constitui crime.

Conselho editorial

Dr. Benedito Eliseu Leite Cintra – PUCSP

Dr. Bianco Zalmorra Garcia – UEL

Dr. Bortolo Valle – PUCPR

Dr. Cleverson Leite Bastos - PUCPR

Dr. Domenico Costella - PUCPR

Dr. Ernani Chaves – UFPA

Dr. Jorge Albuquerque Vieira - PUCSP

Dr. Lafayette de Moraes – PUCSP

Dr. Nilson César Fraga - FAE/UFPR

Dr. Silvestre Grzibowski

Dr. Thomas Fewerstein – Universidade Freiburg - Alemanha

Impressão – Acabamento

Nova Vicentina Gráfica e Editora Ltda

Impreso no Brasil

Printed in Brazil

2010

TABULÆ: Revista de Philosophia

Faculdade Vicentina, ano IV, nº 8. Curitiba - PR, 2010.

182 p

Semestral

Bibliografia:

1. Filosofia 2. Tolerância 3. Xavier Zubini 4. Wittgenstein e Marx 5. Merleau - Ponty 6. História e Filosofia 7. Foucault e James 8. Revolução Científica 9. Thomas Kuhn

CDD 100

- _____. **Ditos e escritos**, V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- GROS, F. **Michel Foucault**. 2. ed. Paris: P.U.F., 1998 (Coll.: Que sais-je?).
- JAMES, W. **Pragmatismo, textos selecionados**. Coleção Os Pensadores, Tradução de Pablo Rubén Mariconda, São Paulo: Abril, 1974.
- _____. **Ensaio em Empirismo Radical**. Coleção Os Pensadores, Tradução de Pablo Rubén Mariconda, São Paulo: Abril, 1974.
- LACERDA ARAÚJO, I. **Foucault e a Crítica do Sujeito**. Curitiba: UFPR, 2001.
- LALANDE, A. **Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- LAPOUJADE, D. **William James: Empirisme et Pragmatisme**. Paris, France: Press Universitaire de France, 1997.
- STROH, G. W. **A Filosofia Americana**. Tradução de Jamir Martins. São Paulo: Cultrix, 1972.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O CORPO E INTENCIONALIDADE EM MERLEAU-PONTY

Mauricio Bueno da Rosa¹

Merleau-Ponty desenvolve, em suas obras, a noção de intencionalidade do corpo próprio ligado a espacialidade e motricidade. Partindo, principalmente da Fenomenologia da Percepção, Merleau-Ponty tenta uma superação das limitações de seus predecessores, Brentano e Husserl. Dessa maneira, pretendemos investigar a noção de intencionalidade resgatada por Brentano, desenvolvida por Husserl e apropriada por Merleau-Ponty na sua produção filosófica e fazer apontamentos quanto ao conceito de intencionalidade e sua importância para o engajamento corporal do ser no mundo.

palavras-chave: Fenomenologia; Intencionalidade; Corpo; Motricidade; Espacialidade.

Merleau-Ponty développe dans ses œuvres, la notion d'intentionnalité de l'organisme lui-même lié à la spatialité et le mouvement. Basée principalement dans la Phénoménologie de la perception, Merleau-Ponty tente de dépasser les limitations de ses prédécesseurs, Brentano et Husserl. Ainsi, nous avons l'intention d'enquêter sur la notion d'intentionnalité secouru par Brentano, développée par Husserl et Merleau-Ponty adaptées à la production dans sa philosophie et de prendre des notes sur la notion d'intentionnalité et de son importance à l'engagement du corps étant dans le monde.

keywords: Phénoménologie, L'intentionnalité, Corps, Motilité; Spatialité.

Intencionalidade E Tradição

A intencionalidade é um conceito constante na fenomenologia, sendo usada para designar a característica da consciência de ser sempre consciência *de*, consciência aberta ao mundo, sempre consciência *de algo*.

O conceito de intencionalidade (do latim *intentio*) foi primeiramente usado na filosofia pelos escolásticos para indicar o caráter representativo do objeto imanente em relação ao objeto exterior, e, portanto, para designar a consciência como tendo um sentido relativamente a esse objeto. A relação entre esse objeto intencional imanente e o objeto efetivo é o que, segundo Moura², define a teoria

¹ Professor do Departamento de Filosofia da PUC-Pr, especialista em Magistério Superior e mestrando em Filosofia.

² MOURA, Carlos Alberto Ribeiro de. *Crítica da Razão na Fenomenologia*. p. 81

escolástica do conhecimento. Dessa maneira, São Tomás separava a *intentio* da coisa conhecida e a definia como uma “certa semelhança” da coisa entendida, concebida no entendimento. A *intentio* seria assim uma imagem cognitiva através da qual a *res* é conhecida, desde que não se atribua a essa “semelhança” e a essa “imagem” um significado estrito do objeto externo.³ Sendo assim, no contexto medieval, a noção de *intentio* distinguiu dois modos de existência, ou seja, a existência intencional como mera forma da mente e a existência real como unidade de matéria e forma na realidade externa.⁴

Foi só no século XIX que Brentano redescobriu a noção de intencionalidade para torná-la como característica dos fenômenos psíquicos. Esse pensador resgatou o tema a partir do texto dos escolásticos e desenvolveu esse conceito em relação aos atos psicológicos⁵. Para esse pensador, o fenômeno mental possuía como característica exclusivamente sua, um objeto dentro de si mesmo. Encontramos na sua obra a afirmação de que “todo fenômeno psíquico contém em si algo como objeto, sendo na representação, algo representado, no amor algo odiado e assim por diante”.⁶

A teoria da intencionalidade foi exposta por Brentano na obra *Psicologia do Ponto de Vista Empírico* onde esse autor afirmava o caráter intencional da consciência, sendo a intencionalidade algo que tipifica os fenômenos psíquicos, que sempre se referem a algo diferente de si próprio.

Para Brentano, a intencionalidade é o caráter específico dos fenômenos psíquicos enquanto se referem a um objeto imanente.⁷ Brentano baseia a classificação dos fenômenos psíquicos nas diversas formas de intencionalidade: a representação, o juízo e o sentimento, que são precisamente as três classes fundamentais de tais fenômenos que distinguem-se entre si pela natureza do ato intencional que os constitui. Na representação, o objeto está simplesmente presente, no juízo, é afirmado ou negado; no sentimento, é amado ou odiado.⁸ Todos estes atos se referem a um objeto imanente e são, portanto, intencionais;

3 Id., *ibid.*, p. 82

4 TEIXEIRA, Dario. Intencionalidade no Horizonte da Fenomenologia: De Brentano às Logische Untersuchungen de E. Husserl. p. 47

5 ABBAGNANO, Nicola. História da Filosofia. vol 14, p. 110

6 BRENTANO, Franz. Psicologia desde un Punto de Vista Empírico. p. 84

7 MOURA, Carlos Alberto Ribeiro de. Crítica da Razão na Fenomenologia. p. 83

8 TEIXEIRA, Dario. Intencionalidade no Horizonte da Fenomenologia: De Brentano às Logische Untersuchungen de E. Husserl. p. 46

mas a sua intencionalidade, isto é, a sua referência ao objeto, é diferente para cada um deles. O objeto do ato intencional é imanente enquanto está no âmbito do próprio ato, ou seja, no âmbito da própria experiência psíquica.

Husserl, foi o primeiro a fazer uso da intencionalidade na análise fenomenológica. Sendo esse pensador aluno de Brentano em Viena, foi fortemente influenciado pelas suas idéias quanto á intencionalidade, porém, com ressalvas em relação ao seu mestre.

Husserl assumiu a noção de Intencionalidade não mais como característica dos fenômenos psíquicos entendidos como um grupo de fenômenos que coexistam com outros fenômenos chamados físicos, mas como a definição da própria relação entre o sujeito e o objeto da consciência em geral. Husserl diz a este propósito que:

(...) a característica das vivências (*Erlebnisse*), que pode ser indicada como o tema geral da fenomenologia orientada objetivamente, é a intencionalidade. Representa uma característica essencial da esfera das vivências, porquanto todas as experiências, de uma forma ou de outra, têm intencionalidade... A I. é aquilo que caracteriza a consciência em sentido pregnante, permitindo indicar a corrente da vivência como corrente de consciência e como unidade de consciência.⁹

O tema da intencionalidade aparece em Husserl nos *Estudos Psicológicos* de 1894, onde definiu a intencionalidade como “direção da consciência”. Nesta obra pode-se evidenciar que *intencionalizar* significa tender por meio de conteúdos dados a conteúdos não dados.¹⁰ No entanto, podemos encontrar o tratamento desse tema em outras obras, como *Investigações Lógicas*¹¹, *Idéias para uma Fenomenologia Pura e para uma Filosofia Fenomenológica*, onde escreve que “pertence à essência das vivências de conhecimento ter uma *intentio*, significar alguma coisa, referir-se a uma objetividade¹², ou ainda nas *Meditações Cartesianas* onde Husserl afirma que a palavra intencionalidade não significa outra coisa senão essa característica geral da consciência de ser consciência de alguma coisa, de implicar, na sua qualidade de cogito, o seu *cogitatum* em si mesmo¹³.

9 HUSSERL, Edmund. Idéias para uma Fenomenologia Pura e uma Filosofia Fenomenológica. p. 84

10 MOURA, Carlos Alberto Ribeiro de. Crítica da Razão na Fenomenologia. p. 84

11 As “Investigações lógicas”, publicadas por Husserl em dois volumes, em 1900 e 1901, já contém uma abordagem consistente da intencionalidade.

12 HUSSERL, Edmund. Idéias para uma Fenomenologia Pura e uma Filosofia Fenomenológica. p. 55

13 Idem. *Meditações Cartesianas*. p. 28

Sendo assim, a intencionalidade é uma peculiaridade da essência da esfera de vividos em geral, visto que de alguma maneira todos os vividos participam da intencionalidade.¹⁴ segundo Salanskis, a palavra intencionalidade designa o nosso modo de nos dirigirmos para os objetos, de encará-los como estando na meta de nossa visada.¹⁵

Husserl estabelece a noção de intencionalidade, partindo de três noções da consciência: a consciência como consistência fenomenológica do real, do eu empírico como entrelaçamento das vivências psíquicas na unidade de seu curso; a consciência como percepção interna das vivências psíquicas próprias; e a consciência como nome coletivo para a dita classe de atos psíquicos ou vivências intencionais¹⁶. Na terceira noção de consciência, Husserl deixa de lado os limites Eimpostos por Brentano ao ato psíquico para ceder o lugar à vivência intencional. Brentano apresenta várias características do ato psíquico, Husserl, porém, retém só duas: a que afirma o caráter referencial ou intencional da consciência, e aquela na qual Brentano afirma que os atos psíquicos ou são representações ou repousam em representações. Husserl, aliás, irá rejeitar a concepção da consciência representativa, esse caráter singular do conceito de consciência será um dos temas principais na abordagem que se seguirá com essa pesquisa.

Com o conceito de intencionalidade, Husserl superou o psicologismo brentano, onde a realidade dos fenômenos mentais estariam vinculadas a puras representações, vinculadas a imagens, uma espécie de retratos apagados do real. Para Husserl nossos pensamentos figuram de modo exato a realidade. Não são puras ficções.¹⁷

Aspectos da Noção de Intencionalidade em Merleau-Ponty

A interpretação de Merleau-Ponty, quanto ao tema da intencionalidade, transparece ao mesmo tempo uma dependência e uma separação da consideração husserliana. Ao tomar emprestado de Husserl a presente noção, o pensador

14 Idem. . Idéias para uma Fenomenologia Pura e uma Filosofia Fenomenológica. p. 189

15 SALANSKIS, Jean-Michel. Husserl. p. 47

16 HUSSERL, Edmund. Investigações Lógicas. p. 141

17 TEIXEIRA, Dário. Intencionalidade no Horizonte da Fenomenologia: De Brentano às Logische Untersuchungen de E. Husserl. p. 52

francês vai em busca de um elemento primordial de síntese entre sujeito e objeto, que lhe permitisse explicitar, em outras bases, a relação consciência-mundo. Sendo assim, para Merleau-Ponty, a intencionalidade designa uma relação dialética.¹⁸

Para Merleau-Ponty a noção de intencionalidade, frequentemente citada como a descoberta principal da fenomenologia, não é nova¹⁹. Para ele, a originalidade de Husserl está além da noção de intencionalidade. Ela se encontra na elaboração desta noção e na descoberta, sob a intencionalidade das representações, de uma intencionalidade mais profunda, que outros chamaram existência²⁰.

Merleau-Ponty retoma, no prefácio da Fenomenologia da Percepção, os conceitos de Husserl sobre a intencionalidade de ato e a intencionalidade operante²¹. A intencionalidade de ato é aquela de nossos julgamentos e de nossas tomadas de posição voluntárias. Desse ponto de vista, desde que há consciência, e para que haja consciência, é preciso que haja alguma coisa da qual ela seja consciência, um objeto intencional, e ela não pode ir em direção a este objeto senão enquanto ela se "irrealiza" e se lança nele, senão se ela está inteiramente nesta referência a... alguma coisa, senão se ela é um puro ato de significação. Ser consciente seria tratar os dados sensíveis como representativos uns dos outros e, como representativos todos juntos de um "eidos", darem-lhes um sentido, animá-los interiormente, ordená-los em sistema, centrar uma pluralidade de experiências sobre um mesmo núcleo inteligível, fazer aparecer neles uma unidade identificável sob diferentes perspectivas, em uma palavra dispor atrás do fluxo das impressões um invariante que dê a elas razão e colocar em forma a matéria da experiência²².

A intencionalidade operante é aquela que faz a unidade natural e antepredicativa do mundo e de nossa vida, que aparece em nossos desejos, nas nossas avaliações, em nossa paisagem²³. A intencionalidade operante é condição de

18 MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da Percepção. p. XIV

19 Id., *ibid.*, p. XII

20 Id., *ibid.*, p. 141

21 Com "intencionalidade operante" Merleau-Ponty quer referir-se a "intencionalidade de horizonte" de Husserl.

22 *Ib.*, *ibid.*, p. 141

23 *Ib.*, *ibid.*, p. XIII

possibilidade da intencionalidade de ato²⁴. Merleau-Ponty afirma que já na reflexão mais radical, tenho em volta de minha individualidade absoluta um halo de generalidade²⁵, que não é a generalidade do conceito, mas a generalidade do mundo como típica, que valoriza espontaneamente meu campo de existência²⁶ e de onde emergem as minhas decisões pessoais²⁷. O mundo é vivido como realidade antes de ser conhecido. Essa noção de intencionalidade permitiu a Merleau-Ponty desvincular a consciência de seu caráter *solipsista*, identificando a intencionalidade operante com toda atividade do sujeito que deixou de ser propriedade de uma consciência isolada constituinte; é a própria abertura ao mundo de um sujeito carnal, corporal²⁸. Sendo assim, Merleau-Ponty censura a intencionalidade de ato por ela ser orientada a partir de um sujeito que se pensa como um sujeito de conhecimento. Nesse ponto, a filosofia de Husserl deve ser ultrapassada, pois não há, no homem, uma “liberdade acósmica”²⁹ ou pura, liberdade espiritual construtiva (consciência constituinte do mundo – potência de significação que caracteriza a subjetividade transcendental.

Para Merleau-Ponty o corpo é possuidor de uma intencionalidade operante que o insere no âmbito de um pacto com o mundo e que faz brotar o sentido. Dessa maneira, tem-se um sujeito perceptivo definido como corpo próprio e um mundo definido como fundo ou horizonte, que faz aparecer o corpo como relação *gestáltica* figura-fundo, sendo uma coexistência onde não há mais realidades autônomas. Nas palavras de Merleau-Ponty, “o corpo faz-se carne com o mundo; estabelece uma comunicação pré-reflexiva com ele, compreendendo-o sem precisar passar por representações, sem subordinar-se a uma função simbólica ou objetivante”³⁰. A intencionalidade operante é um movimento de presença no mundo e ao mundo, definida pela situação do corpo frente a uma tarefa.³¹

Merleau-Ponty revaloriza a análise do corpo próprio pela idéia de intencionalidade, pois, a partir dessa análise o corpo passa a ser entendido como

transcendência ativa, ou seja, ele está sempre no exterior, mas também ele é passividade, já que é um “espírito cativo ou natural”³². Sobre essa análise do corpo Bimbenet escreve:

(...) o corpo representa uma possibilidade sempre dada de se apoderar em seu próprio jogo, de nele se aderir sem distância como se fosse o mais profundo de nós mesmos. Ele está em nós como uma possibilidade permanente de nos escaparmos de nós mesmos, de nos fixar em um papel e de crer verdadeiramente que nós somos lá onde nós não somos: ele é, em sentido próprio, um *alibi permanente*.³³

Nas suas obras, Merleau-Ponty se propõe “a pôr em evidência a função primordial pela qual fazemos existir para nós, pela qual assumimos o espaço, o objeto ou o instrumento, e descrever o corpo enquanto lugar dessa apropriação”³⁴. Nas palavras do próprio Ponty, longe do “puro comércio entre o sujeito epistemológico e o objeto”, trata-se, agora, de dirigirmo-nos à difícil relação entre o sujeito encarnado e seu mundo comum, relação ambígua, já que entre corpo e mundo há distância e proximidade. O que está em foco, agora, é aquela relação de ser.

No movimento geral da filosofia de Merleau-Ponty, desde o início de seus trabalhos pode-se perceber que seu interesse era aprofundar sensivelmente a relação do homem com seu mundo natural, orgânico e social³⁵. A filosofia de Husserl deve, dessa maneira, ser ultrapassada, pois, não há, no homem, uma “liberdade acósmica”³⁶ ou pura, liberdade espiritual construtiva (consciência constituinte do mundo – potência de significação que caracteriza a subjetividade transcendental). Sendo assim Merleau-Ponty pretende reconhecer a relação de ser segundo a qual as duas idealizações (sujeito e objeto) encontram seus direitos relativos.³⁷

O mérito da nova filosofia é justamente procurar na noção de existência o meio de pensar a condição humana, isto é, nossos vínculos corporais e sociais, nossa

24 *Ib.*, *ibid.*, p. 490

25 *Ib.*, *ibid.*, p. 512

26 *Ib.*, *ibid.*, p. 503

27 *Ib.* *ibid.*, p. 512

28 ZUBEM, N. Aquiles Von. Fenomenologia e existência: uma leitura de Merleau-Ponty. p.66.

29 MERLEAU-PONTY, Maurice. Signos. p. 124

30 *Idem.* Fenomenologia da Percepção. p. 164

31 *Id.*, *ibidem*

32 *Id.*, *ibid.*, p. 342

33 BAMBINET, Étienne. Nature et Humanité: Le problème anthropologique dans l'œuvre de Merleau-Ponty. p. 229

34 MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da Percepção. p. 213

35 JÚNIOR, Nelson Coelho; CARMO, Paulo Sérgio do. Merleau-Ponty: Filosofia como corpo e existência. p. 48

36 MERLEAU-PONTY, Maurice. Signos. p. 124

37 JÚNIOR, Nelson Coelho; CARMO, Paulo Sérgio do. Merleau-Ponty: Filosofia como corpo e existência. p. 52

inserção no mundo. A existência no sentido moderno é o movimento através do qual o homem está no mundo, se engaja em uma situação física e social que torna-se seu ponto de vista sobre o mundo.³⁸

Para explicitar esse movimento do ser-no-mundo a intencionalidade operante, segundo Merleau-Ponty, deve se opor à intencionalidade de ato, já que ela é um “eu posso” e não um “eu penso”. O que significa dizer que ela é a intencionalidade da existência e não da consciência. Sendo assim o ser-no-mundo é tematizado como trazendo uma intencionalidade que não é objetivante, que não é de conhecimento, mas onde o ser da consciência teórica passa a ser secundário em relação a ela. É o que afirma Bárbaras quando defende que o ser-no-mundo, na filosofia de Merleau-Ponty, passa a ser entendido segundo uma ordem prática, que considera o corpo como sendo a própria existência em seu movimento de transcendência que faz com que o corpo seja um modo de existência irreduzível.³⁹ Esta intencionalidade originária mais antiga do que a cognitiva é a intencionalidade corporal ou a motricidade que, por sua vez, é compreendida como uma “intencionalidade original”⁴⁰.

Para demonstrar o funcionamento dessa intencionalidade Merleau-Ponty utiliza a análise da motricidade no contexto do estudo da espacialidade do corpo próprio. A motricidade não é a consciência enquanto potência de significação, a qual seria supostamente responsável pela doação de sentido. Esta noese é pura e simplesmente um “eu penso”. A função da motricidade pode nos revelar o que ela não é ou o que não pode ser: ela não pode ser uma decomposição das representações do movimento, nem decomposição dos fenômenos nervosos. Ela é “indissolivelmente perceptiva e motora”⁴¹. A análise negativa da motricidade revela a derivação da consciência teórica em face à prática e chama a atenção para a intencionalidade operante. A recusa de Merleau-Ponty à intencionalidade de ato está no fato de que ela é orientada a partir de um sujeito que se pensa como um sujeito de conhecimento. Ele é teórico, tético, ele põe as coisas a partir de um ato de pensamento. Isto significa que esta consciência é derivada em face de um existente que não é, em princípio, um sujeito de conhecimento.

Analisando a motricidade do corpo-próprio Merleau-Ponty cita o exemplo célebre do caso Schneider descrito por Gelb e Goldstein e que Merleau-Ponty

38 MERLEAU-PONTY, Maurice. *Signos*. p. 125

39 BARBARAS, R. *Merleau-Ponty*. p. 20

40 Idem, *Fenomenologia da Percepção*. p. 192

41 MULLER, Marcos José. *Merleau-Ponty: Acerca da expressão*. p. 167

retoma. Schneider é um paciente ferido na região occipital pela explosão de uma granada. Schneider é incapaz de realizar movimentos abstratos, ou seja, “movimentos que não estão orientados para uma situação efetiva, tais como mover os braços sob comando, esticar ou flexionar um dedo. Algumas lesões podem afetar a consciência em seu conjunto ao fazer repercutir suas consequências sobre um certo aspecto que predomina na sintomatologia. Em princípio, é preciso reconhecer que a consciência de lugar, ou melhor, “o saber de um lugar se entende em vários sentidos”. A psicologia clássica, por sua vez, não tem conceitos para compreender esta experiência já que está presa ao pensamento objetivo. Para ela, a consciência de lugar é posicional, ou seja, ela determina um lugar no mundo objetivo: ou ela tem consciência do lugar ou não⁴². Ela não possui conceitos para exprimir a variedade da consciência de lugar, já que para ela a consciência é uma representação. Quando ela faz isto, ela “nos dá o lugar como determinação do mundo objetivo, e porque uma tal representação é ou não é, mas se ela é, ela nos entrega seu objeto sem nenhuma ambiguidade e como um termo identificável através de todas as suas aparições”⁴³. Como a psicologia clássica não dispõe de nenhum conceito para exprimir o que se passa no caso em questão, Merleau-Ponty vai “forjar conceitos necessários para exprimir que o espaço me pode ser dado em uma intenção de apreensão sem me ser dado em uma intenção de conhecimento”⁴⁴.

No caso de Schneider, não há consciência do espaço corporal como local de sua ação habitual, como ambiente objetivo, seu corpo está à sua disposição como meio de inserção em uma circunvizinhança familiar, mas não como meio de expressão de um pensamento espacial gratuito e livre⁴⁵.

Esse exemplo utilizado por Merleau-Ponty pode nos ensinar algo muito importante sobre o esquema corporal, ou seja, “há um saber do lugar que se reduz a um tipo de coexistência com ele e que não é nada, embora uma descrição ou mesmo a designação muda de um gesto não possa traduzi-lo”⁴⁶. Uma vez que o ‘esquema corporal’ ou ‘postural’ nos dá a cada instante uma noção global prática e implícita das relações de nosso corpo e das coisas, e

42 FURLAN, Reinaldo. *Objetivismo, intelectualismo e experiência do corpo-próprio*. In: *Natureza Humana*. p. 295

43 MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. p. 151

44 Id., *Ibidem*

45 Id., *Ibidem*

46 Id., *Ibidem*, p. 153

como que sua reedificação sobre eles⁴⁷. Compreende-se que os problemas no esquema corporal tragam uma dissociação entre o projeto motor ou “um feixe de movimentos possíveis” e o meio no qual o sujeito se encontra ancorado. Considerado no sujeito normal, o projeto motor e o movimento não são simplesmente dois fenômenos ligados, mas, sim, “um só fenômeno com duas faces, e meus movimentos são para mim muito menos deslocamentos objetivos aos quais eu assistiria do que modalidades diversas da relação global ao mundo do qual meu corpo é o veículo⁴⁸. O esquema corporal integra as partes do corpo e sua espacialidade é de “situação” e não de “posição”. Enfim, é o movimento entre estes dois tipos de espacialidade que Schneider perdeu, ele perde a flexibilidade, o vai-e-vem entre a sedimentação corporal e as operações mentais.

O homem concretamente considerado não é um psiquismo unido a um organismo, mas este vaivém da existência que ora se deixa ser corporal e ora se dirige aos atos pessoais. Os motivos psicológicos e as ocasiões corporais podem entrelaçar-se porque não há um só movimento em um corpo vivo que seja um acaso absoluto em relação às intenções psíquicas, nem um só ato psíquico que não tenha encontrado pelo menos seu germe ou seu esboço geral nas disposições fisiológicas.⁴⁹

O corpo está ali onde ele tem algo a fazer, afirma Merleau-Ponty⁵⁰, e é este o perfil da intencionalidade corporal, ou seja, a intencionalidade da ordem prática. Merleau-Ponty quer nos fazer reconhecer no caso Schneider uma antecipação ou uma apreensão do resultado assegurada pelo próprio corpo enquanto potência motora, um ‘projeto motor, uma ‘intencionalidade motora’ sem os quais a ordem do médico permanece letra morta⁵¹. No doente, estão dissociados o pensamento e o movimento, no normal, ao contrário, “todo movimento é indissolúvelmente movimento e consciência do movimento, o que se pode também exprimir dizendo que no normal todo movimento tem um fundo, e que o movimento e seu fundo são ‘momentos de uma totalidade única’⁵².

47 Idem. *Parcours*. p. 39

48 Id., *Ibid.*, p. 19

49 MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. p. 130

50 Id., *Ibid.*, p. 336

51 FURLAN, Reinaldo. *Objetivismo, intelectualismo e experiência do corpo-próprio*. In: *Natureza Humana*. p. 306

52 MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. p. 159

Com isso, podemos concluir que a motricidade não é serva da consciência, que seria a responsável pelo transporte do corpo no espaço previamente representado. Ela não é relativa ao um “eu penso”. O corpo que é meu e que movo em direção a algo que me agrada não é um mecanismo. Este corpo atual não é um objeto, ele não é um em si. A motricidade entra a meio caminho entre a consciência expressa e o puro ente físico, ela não é nem ato da consciência, nem soma de reflexos. A motricidade é uma das expressões do ser-no-mundo. O movimento a ser feito é antecipado por mim sem que haja uma representação, e a consciência é sempre definida com referência a um objeto. Merleau-Ponty não deixa de notar a singularidade do corpo próprio face ao corpo físico, aliás, esta originalidade anda junta com a originalidade do espaço corporal.

Para Merleau-Ponty o espaço corporal e o espaço exterior formam um “sistema”, “o primeiro sendo o fundo sobre o qual pode destacar-se ou o vazio diante do qual o objeto pode *aparecer* como meta de nossa ação”. De qualquer forma, é na ação que a espacialidade do corpo se realiza. A intencionalidade motora ensina que o corpo próprio exibe uma característica fundamental, ele é a sede do fenômeno da expressão. O fenômeno expressivo se instala, então, no corpo próprio. Tal fenômeno é o estabelecimento de um sistema de equivalências. Com a motricidade e a espacialidade descobrimos no corpo próprio um sistema de equivalências originário que não deve nada ao pensamento, à doação de sentido que o ato de consciência imprime a uma matéria inerte. Assim, da mesma maneira que a motricidade não é serva da consciência, também a expressividade não é. Merleau-Ponty está, sim, procurando a raiz de uma expressividade mais antiga do que a expressividade da consciência. Nosso corpo “é para nós muito mais do que um instrumento ou um meio. Ele é nossa expressão no mundo a figura visível de nossas intenções⁵³, é um “eu natural” e, propriamente falando, ele é “o sujeito da percepção⁵⁴. O corpo, muito antes de ser um objeto, é a própria condição da percepção organizada.

53 Idem. *Parcours*. p. 39

54 Idem. *Fenomenologia da Percepção*. p.278

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **História da filosofia**. Tradução de Conceição Jardim. Lisboa: 2ª edição, Editorial Presença, vol. 14, 1970.

BAMBINET, Étienne. **Nature et Humanité: Le probleme antropologique dans l'oeuvre de Merleau-Ponty**. Paris: Librairie Philosophique j. Vrin, 2004

BARBARAS, Renaud. **Merleau-Ponty**. Paris, Ellipses, 1997.

FALABRETTI, Ericson. **Experiência primeira e estrutura: Uma abordagem sobre o comportamento na obra de Merleau-Ponty**. Tese de Doutorado. São Carlos: UFSCar, 2007.

_____. **Merleau-Ponty: o sentido e o uso da noção de estrutura**. Dois pontos, Curitiba, São Carlos, vol. 5, n. 1, p. 153-192, 2008.

FURLAN, Reinaldo. Objetivismo, intelectualismo e experiência do corpo-próprio. In: **Natureza Humana**, São Paulo, vol. 3, nº 2, p. 289-314.

_____. **Merleau-Ponty: O sentido e o uso da noção de estrutura**. In: Dois Pontos, Curitiba, São Carlos, vol. 5, n. 1, p.153-192, 2008.

_____. **A noção de consciência na Estrutura do Comportamento de Merleau-Ponty**. Disponível em: www.bireme.br. Acesso em: 22 de maio de 2009 às 13:30 hs.

HUSSERL, Edmund. **Investigações Lógicas**. São Paulo: Abril Cultural, 1975 (Os Pensadores).

_____. **Meditações Cartesianas: Introdução à fenomenologia**. São Paulo: Madras, 2001.

_____. **Conferências de Paris**. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1992.

_____. **Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: Introdução geral à fenomenologia pura**. Tradução de Márcio Suzuki. Aparecida: Idéias e Letras, 2006.

JÚNIOR, Nelson Coelho; CARMO, Paulo Sérgio do. **Merleau-Ponty: Filosofia como Corpo e Existência**. São Paulo: Escuta 1991.

MOUTINHO, Luiz Damon Santos. **O sensível e o inteligível: Merleau-Ponty e o problema da racionalidade**. In: *Kriterion*, Belo Horizonte, vol. 45 nº 110, 2004.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **A Estrutura do Comportamento**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **Conversas: 1948**. Tradução de Fabio Landa, Eva Landa. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Merleau-Ponty na Sorbonne: resumo de cursos psicossociologia e filosofia**. Tradução de: Constança Marcondes Cezar e Lucy Moreira Cezar. São Paulo: Papyrus, 1990.

_____. **O metafísico no homem**. Tradução de: Zeljko Loparic e Andréa M. A. de Campos Loaparic. São Paulo: Abril Cultural, 1975. (Os pensadores).

_____. **O visível e o invisível**. Tradução de: José A. Gianotti e Armando M. d' Oliveira. 4. ed. São Paulo: Perpectiva, 2007.

_____. *Parcours – 1935-1951*. Lagrasse, Éditions Verdier, 1997.

MORA, José Ferrater. **Dicionário de filosofia**. Tradução de António José Massano. Lisboa: Dom Quixote, 1978.

MOREIRA, Ana Regina de Lima. Algumas considerações sobre a consciência na perspectiva fenomenológica de Merleau-Ponty. In: *Estudos de Psicologia*, vol. 1, nº12 p. 399-405. 1997.

MOURA, Carlos Alberto Ribeiro de. **Cartesianismo e filosofia: exame de paternidade**. In: *Análítica*, São Paulo, vol 3, nº 1, 1998.

_____. **Crítica da razão na fenomenologia**. Tese de Doutorado. FFLCH-USP, 1981.

_____. **Racionalidade e Crise: Estudos de História da Filosofia Moderna e Contemporânea**. São Paulo: Editora da UFPR, 2001.

MOUTINHO, Luiz Damon Santos. **Razão e Experiência: ensaio sobre Merleau-Ponty**. São Paulo: Editora da Unesp, 2006.